

# LEITURA FRUIÇÃO NO AUXÍLIO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Roseli Prado Scorci Guize<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo visa analisar por meio da pesquisa bibliográfica as possibilidades de práticas de leituras que refutem o ensino tradicional e torne o momento de leitura uma prática enfiada de reconhecimento de elementos estruturais de um texto. Para isso, visa-se discutir como se dá a leitura fruição a partir de práticas pedagógicas que utilizem as tipologias textuais, mas explorem mais os gêneros textuais, a função dos textos no processo de alfabetização e letramento. Espera-se que esse estudo contribua com as discussões acerca da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental para que no Brasil, os sujeitos além de alfabetizados, sejam letrados e leitores.

**Palavras-chave:** Leitura fruição. Alfabetização. Letramento.

## 1 INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais são recursos didáticos que auxiliam o processo de leitura e escrita dos alunos, inclusive na construção social e cultural, para que isso aconteça é necessário o acesso a diferenciados textos, visto que os gêneros textuais estão ligados ao desenvolvimento do senso crítico, reflexivo e investigativo dos alunos. Carvalho (2004, p. 15) afirma que na alfabetização a primeira forma de deixar os alunos entrar em contato com seu contexto social e cultural é explorar os materiais escritos.

De forma geral, os gêneros textuais são conteúdos com características gramaticais e possuem diferentes formas de linguagem. Com isso, os gêneros textuais podem ser agrupados dentro das tipologias textuais, que surgem com intuito de organizar e classificar os textos. Existem cinco divisões tipológicas: gêneros da ordem de narrar, da ordem de relatar, da ordem de argumentar, da ordem de expor e da ordem de instruir conforme Almeida (2011).

Diante dos desafios da alfabetização, torna-se importante analisar os gêneros textuais na apropriação das linguagens. Essa prática apresenta-se como principal responsável pela leitura e escrita, porém é necessário que esteja aliada à formação de

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Mestrado em Ciências da Educação da Universidad Grendal.

sujeitos críticos e reflexivos. Portanto, é necessário refletir sobre as dificuldades dos alunos no processo de leitura e escrita e, sobre o porquê dos alunos não conseguirem enxergar além de um texto. Supõe-se que a falta de formação de professores, a ausência de autonomia em sala de aula e metodologias descontextualizadas sejam fatores que prejudicam esse processo.

Assim, com esse estudo, busca-se investigar as possibilidades de práticas pedagógicas orientadas pelo conhecimento da tipologia textual e a exploração dos gêneros textuais, uma leitura fruição que possa auxiliar diariamente no enriquecimento dos alunos no processo de alfabetização e letramento de maneira prazerosa.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, visa-se apresentar aos alunos aspectos sobre o sistema de escrita alfabética com práticas de letramento. Kleiman (2007, p. 6) aponta algumas práticas sociais de letramento como “cálculos de volume, elaboração de maquetes, mapas e plantas (conteúdos matemáticos)” e outras que sejam necessárias para alfabetização dos alunos e contribuam com a inserção deles na sociedade.

A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação nº 4, 10 de junho de 2008, instituiu que os três primeiros anos do Ensino Fundamental devem ser voltados para a alfabetização e o letramento. E determina que até o terceiro ano, a criança esteja alfabetizada numa perspectiva de letramento.

E ainda, a Diretoria de Currículos e Educação Integral (DICEI) e a Coordenação Geral do Ensino Fundamental (COEF) propõem trabalhos voltados para o ciclo da alfabetização: a interdisciplinaridade do currículo escolar, o apoio às crianças com dificuldades, ambientes formativos, a ludicidade, propostas instigantes no contexto pedagógico, desenvolvimento das potencialidades das crianças.

Para Albuquerque (2008 p. 261) “a criança desde muito cedo está inserida no mundo letrado, porque vive numa sociedade em que as pessoas são usuárias de linguagem, lendo, escrevendo, falando e ouvindo”. Dessa forma, o papel da escola é possibilitar o acesso a diferentes textos cotidianos, praticar a linguagem oral e escrita, formar sujeitos críticos e reflexivos capazes de se comunicar claramente com objetivos, atuando na sociedade.

A prática de gêneros textuais deve ser trabalhada conforme o desenvolvimento de cada aluno, porque é incoerente aprofundar os aspectos linguísticos e gramaticais de cada gênero textual devido à imaturidade do aluno. E as ações didáticas devem possibilitar aos alunos o contato com as situações reais da leitura como: rótulos, entrevistas, parlendas, poesia, cantiga de roda, fábulas, contos e receitas (CARVALHO, 2004, p. 21, 25).

## 2.1 CONHECENDO A HISTÓRIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Desde o século XX, os gêneros textuais vêm sendo amplamente discutidos na área da linguística. Esses estudos possuem diferentes aspectos teóricos nas práticas sociais e escolares (BORGES, 2012). De todos os termos na educação, o gênero textual é o mais complexo de se definir, pois possui características sociais, históricas, dialógicas, comunicativas, sociorretórica, etnográfica, instrucional, interacionista, sociodiscursiva, analítica, crítica, cultural, entre outras.

Pode-se dizer que a história dos gêneros textuais surgiu com a retórica, no tempo dos gregos, em que a linguagem do pensamento era privilegiada e toda atividade da língua era centrada na argumentação e convicção de persuadir (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014). É interessante, aliás, afirmar que era necessária uma arte de comunicar e formar estratégias através de argumentos lógicos e/ou simbólicos.

É intrigante destacar que o conceito de gênero textual está ligado a todas as representações linguísticas e comunicativas. Os gêneros textuais na antiguidade greco-romana estavam conceituados numa técnica argumentativa e no exercício da linguagem, ou seja, o indivíduo que discursava precisava convencer o público independente de ser algo certo ou errado.

A retórica é a arte da palavra, na qual a língua é usada para convencer e fazer os sujeitos refletirem sobre um determinado assunto. Os gêneros retóricos, nesse contexto, são aplicados para um grande público em que a pessoa que discute usa a lógica e a dialética. Não é exagero afirmar que os gêneros textuais são difíceis de definir e conceituar, pois "devido ao longo período de observações, o tema apresenta diversos enfoques teóricos ainda hoje" (BORGES, 2012, p.121).

Ora, em tese, os gêneros retóricos são ferramentas usadas para comunicar de forma clara e objetiva, sendo necessário usar o poder da argumentação. De acordo com Chaves (2007, p. 2), os gêneros retóricos eram definidos em três tipos: o deliberativo, o

judiciário e epidítico. É importante considerar que esse gênero se constitui como aspecto dialético e lógico, por exemplo, o sujeito que discursa para um determinado público precisava criar uma estratégia através de argumentos para transmitir suas ideias. Dessa maneira, os gêneros retóricos eram grandes discursos usados em três aspectos: o deliberativo, o judiciário e o epidítico.

A antiga retórica dividia os discursos entre deliberativo, jurídico e epidítico, cada um com sua finalidade, seu tipo de argumento básico, seu auditório. Todos tinham como pressuposto apresentar uma avaliação: o deliberativo tratava do útil ou prejudicial aos interesses da cidade; o judiciário, do justo ou injusto na acusação ou defesa de cidadãos; já o epidítico elogiava ou censurava homens e feitos, apreciando-os como bons ou maus, belos ou feios (PISTORI, 2014, p. 149).

Assim, os tipos de gêneros retóricos eram tidos como meios para exercer com eloquência a comunicação argumentativa. Não era necessário estabelecer na dialética o conhecimento da verdade ou receber aplausos da plateia, bastava mostrar para o público o poder da oralidade. Essa oralidade permitia que o público alvo adquirisse um ponto de vista que o orador defendia.

A palavra gênero é representada nas diferentes formas de arte, é denominada como um conjunto de obras de uma determinada época com características próprias. Chaves (2007, p. 3) aponta que os gêneros literários são caracterizados pela imitação das palavras do ser humano, das cores nas pinturas ou pelas vozes por meio da música.

De acordo com Borges (2012, p. 121) ao longo da história, os gêneros textuais sofreram diversas modificações nos seus principais elementos. Na Antiguidade Clássica, os gêneros textuais eram definidos pela sua forma, composição e conteúdo, nessa época havia três tipos de gêneros o épico, o lírico e dramático. Ainda segundo a autora citada acima, na Idade Média havia três estilos literários: o elevado, o médio e o humilde - os quais eram baseados em aspectos sociais e representados por meio de personagens.

Para Marcuschi (2008, p. 149) a análise de gêneros engloba categoria cultural, esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social e uma ação retórica. Os gêneros são importantes numa perspectiva educativa, pois possibilitam o uso da língua nas diversas formas de comunicação.

No Brasil, os gêneros textuais entraram nas práticas curriculares a partir da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em 1997. Os PCN's são

diretrizes elaboradas pelo Governo para orientar os educadores no que se referem a objetivos, conteúdos e didática em sala de aula.

A respeito da prática com os gêneros textuais, os PCN's (1997, p. 25) apontam que os níveis de leitura e escrita não correspondem às demandas sociais e, é dever da escola comprometer-se ao ensino da linguagem por meio dos diversos textos presentes na sociedade. A prática com diversos textos precisa acontecer de forma contextualizada e significativa, pois só terá benefício se a aprendizagem do aluno for sistematizada e problematizada.

Ainda, os PCN's (1997, p. 21) afirmam que é responsabilidade da escola promover a ampliação da linguagem dos alunos para que eles se tornem capazes de interpretar diferentes textos, palavras, imagens e símbolos, e produzir textos nas mais diferentes situações. É interessante destacar que o ensino voltado para o uso de diversos textos pode contribuir com o desenvolvimento do pensamento crítico, no exercício dos direitos e deveres sejam políticos, sociais e civis. E, ainda, valoriza as diferenças culturais de uma nação, de um povo ou de um grupo.

Val e Marcuschi (2010, p. 66) afirmam que os estudos sobre os gêneros textuais não é novo, porque eles são objeto de estudo de pensadores, filósofos e pesquisadores que os relacionam com o meio literário. Atualmente, os gêneros textuais vão além da retórica e da literatura, como já foi dito - é uma área de pesquisa e estudo da linguística, porque os gêneros passaram a se caracterizar por uma manifestação verbal.

## 2.2 O PAPEL DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ALFABETIZAÇÃO

A Alfabetização e o letramento são dois conceitos diferentes, porém são indissociáveis, não podemos separar esses dois processos. Soares (2004, p. 11) afirma que a alfabetização consiste na dominação de sistema de escrita alfabética, já o letramento é a capacidade que o sujeito tem de interpretar, compreender, analisar o sistema de escrita alfabética. A autora deixa claro que alfabetização é aprender ler e escrever, logo o letramento é fazer o uso da leitura e escrita dentro das práticas sociais.

A aprendizagem da leitura e da escrita tem sido um desafio para educação brasileira, pois é necessário refletir sobre o processo de alfabetização numa perspectiva de letramento. É insuficiente o aluno saber somente codificar e decodificar: é fundamental que ele experimente o uso cotidiano da leitura e escrita em diferentes contextos sociais.

Junior (2013, p. 202) sublinha que a diversidade de textos na sala de aula é uma ferramenta que proporciona ao aluno ser inserido dentro do seu contexto social.

Conforme a citação acima, os educandos precisam ter contato com diversos textos, não só com um único texto ou um único gênero, mas garantir o acesso a diferentes materiais. A prática de alfabetizar letrando através de gêneros textuais requer desenvolver nos alunos competências/habilidades de leitura e de escrita. Além disso, requer planejamento e conhecimento por parte do professor.

A autora Goulart (2014, p. 37) afirma que a noção de letramento está atrelada a inclusão dos sujeitos no mundo da escrita, inserindo esses sujeitos na participação social e política (GOULART, 2014, p. 37). Desde pequenas, as crianças já pensam sobre a escrita, porque elas estão imersas no mundo letrado. O domínio da linguagem oral e escrita acontece através das práticas de leitura e escrita dentro da sala de aula.

Quando a criança não sabe ler e escrever, é necessário que o espaço da sala de aula seja um ambiente alfabetizador. Goulart (2007, p. 63) ressalta que existem modos de alfabetizar numa perspectiva de letramento na escola, ter um ambiente que promova situações reais da leitura e da escrita e, ainda, que esse ambiente disponibilize vários textos com diversas funcionalidades. Nesse viés, o projeto “Para saber Mais” desenvolvido pelo Instituto Ayrton Senna descreve que no processo de alfabetização é importante trabalhar com jogos de linguagem e brincadeiras populares.

O papel do professor é possibilitar aos alunos a socialização e experiências diversificadas através de textos. É dever dos professores despertar o interesse dos educandos e mesmo os alunos não dominando o sistema de escrita, pode iniciar o processo de escrita de forma livre. A prática alfabetizadora através de gêneros textuais deve ser pensada, refletida em conceitos e procedimentos na organização da linguagem escrita, dentro da cultura do aluno (GOULART, 2014, p. 43).

Contudo, a prática de gêneros textuais nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, vai além da alfabetização e do letramento, é caracterizada pela autonomia, reflexão, compreensão, análise, crítica, interpretação e competências de leitura e escrita na organização social. É um trabalho árduo, persistente, contínuo e diário em sala de aula.

### 2.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais são conjuntos de textos que possuem diferentes formas de linguagem, e se relacionam numa esfera social, com finalidades próprias do âmbito.

Nesse contexto fica claro que para Jesus (2010, p. 541), os gêneros textuais servem para desempenhar uma função social, construir uma mensagem oral ou escrita, a fim de atribuir sentido nas situações comunicativas.

O mais preocupante, contudo, é constatar que a importância dos gêneros textuais é caracterizar a comunicação por meio de elementos linguísticos determinados por: tipo textual, forma, estilo, conteúdo, função e composição. Fica evidente, diante desse quadro que toda forma de comunicação é constituída por um gênero e ela pode apresentar diferentes formas de linguagens e características próprias que a define como gênero.

Os textos são, portanto, uma atividade oral e escrita presente no cotidiano de todo indivíduo. E é no intuito de se comunicar que o ser humano cria estratégias e ferramentas no uso na língua falada ou escrita. A autora Otoni (2014, p. 12) deixa claro que os gêneros textuais são textos orais e escritos recorrentes das situações comunicativas que são definidas por comunicação, composição, estilo e conteúdo; em que se enquadram dentro de um tipo textual.

É importante destacar que os gêneros textuais não são apenas textos linguísticos com classes gramaticais. Geralmente, os gêneros textuais são ensinados de forma mecânica em sala de aula, com centro unicamente na leitura e escrita. Segundo a pesquisadora Mazzuco (2014, p. 112 e 113), a dificuldade dos professores inserirem os gêneros textuais em sala de aula é o precário domínio da leitura e da escrita.

Conforme Fernandes (2016, p. 49), o ensino da leitura e da escrita, no processo de alfabetização e letramento está pautado nos gêneros textuais, mas os professores possuem dificuldades em lidar com esse recurso didático. O autor deixa claro na sua pesquisa que os professores apresentaram dificuldades em listar os comportamentos e habilidades diante de uma prática textual. Assim, reveste-se de particular importância, ensinar os alunos a refletir, criticar, analisar, argumentar a partir de um texto.

As autoras citadas acima, afirmam que os gêneros textuais são recursos didáticos importantes na formação dos alunos. Nesse contexto, fica claro que os docentes inserem a diversidade de textos nas suas metodologias de ensino, porém com falta de conhecimento ou compreensão do conteúdo. Para a autora Val (2007, p. 21) "os gêneros textuais devem ser ensinados em sala de aula com objetivo funcional na ação da linguagem". A autora deixa claro que os gêneros textuais são uma ferramenta didática do professor, a qual deve ser usada com objetivo pedagógico.

Os gêneros textuais são ferramentas que exploram as capacidades e habilidades dos alunos de lerem e escreverem os diferentes textos, pois exigem dos alunos competências e habilidades leitoras e escritoras, por exemplo, o Programa de apoio a Leitura e Escrita - PRALER - desenvolvido pelo Sistema Nacional de Formação de Profissionais da Educação (2007, p. 22 e 23) explica pontos importantes sobre a leitura e a escrita:

- ✓ Controle dos objetivos: quando estamos lendo ou escrevendo temos um comportamento intencional e exercemos ações conscientemente controladas;
- ✓ Associação e comparação de ideias: nunca a leitura é um procedimento isolado, pois procuramos associar o que estamos lendo aos nossos conhecimentos e utilizamos muitas comparações o tempo todo, conforme a escrita.
- ✓ Antecipação e previsão de informações e acontecimentos do texto: quando lemos uma narrativa, por exemplo, estamos sempre tentando prever o que virá depois; como nem sempre nossas previsões se concretizam, precisamos reavaliar nossas antecipações, confirmá-las ou reformulá-las no papel;
- ✓ Apreciação estética e emocional: a habilidade de se envolver com os trabalhos artísticos são desenvolvidos, por meio do contato com textos literários desde os primeiros anos.
- ✓ Distinção entre realidade e ficção: essa é uma habilidade mental importante que vamos construindo por meio das nossas experiências de leitura e escrita de vários gêneros;
- ✓ Controle de velocidade: leitores que controlam sua própria leitura procuram ler numa velocidade satisfatória para a compreensão, às vezes mais rápido, às vezes bem devagar;
- ✓ Avaliação do processo realizado: durante a leitura vamos naturalmente reavaliando mentalmente nossos procedimentos para saber se podemos continuar, ou se erramos na leitura e na compreensão do texto; também ocorre na escrita, à medida que escrevemos o texto faz-se necessário a realização de leitura para dar sentido o texto.

O PRALER deixa claro que o trabalho com diferentes textos precisa de contextualização e planejamento. Esse é o motivo pelo qual é importante frisar que uma pequena falha do planejamento da prática docente pode comprometer a aprendizagem dos alunos. Conforme citado acima, a única forma conhecida de corrigir as falhas é a formação e o conhecimento acerca dos gêneros textuais, amenizando assim algumas lacunas no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, cabe salientar que os gêneros textuais são diferentes formas de linguagem que circulam na sociedade. Considerando seus elementos linguísticos: o conteúdo, a forma, a função e composição. E os gêneros textuais estão classificados dentro dos tipos textuais. Os dados citados acima revelam a dificuldade dos professores



inserir os diferentes textos em sala de aula. É preciso ressaltar que a prática de gêneros textuais durante a alfabetização, contribui para ampliação do vocabulário, do sentido crítico e reflexivo das informações contidas nos textos.

## 2.4 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS

As tipologias surgem com intuito de classificar os textos de acordo com a comunicação e características gramaticais. O acesso da criança desde as séries iniciais à diversidade de textos dará condições para a criança criticar, perceber e interpretar situações cotidianas. Almeida (2011) e Dolz e Scheneuwly (2013) com finalidade de classificar a diversidade de textos, propõe divisão em cinco agrupamentos:

- ✓ Gêneros da ordem de narrar: Conto, Fábula, narrativa de aventura, narrativa científica, narrativa de ficção, conto de fadas, romance, romance policial, romance histórico, crônica, lendas, histórias de aventuras, causos, piadas e outros.

- ✓ Gêneros da ordem de relatar: Diários, relatos de experiências, testemunhos, autobiografias, biografias, notícias, reportagens, crônicas jornalísticas, relato histórico, depoimentos, inventários, relatórios e outros.

- ✓ Gêneros da ordem de argumentar: Diálogos, cartas, carta de reclamação, carta de petição, carta de repúdio, debate, editorial, ensaio, resenhas, teses, artigos, dissertações e outros.

- ✓ Gêneros da ordem de expor: seminários, conferências, verbetes de dicionários, texto argumentativo, tomada de notas, resumos, relatos de experiências e outros.

- ✓ Gêneros da ordem do instruir ou do prescrever: Receitas, instruções de uso, instruções de montagem, regras de jogos, bulas de remédios, regimentos, estatutos, constituições, manifestos, avisos, convocações e outros.

Os gêneros textuais não são definições limitadas, definidas e fechadas dentro de um agrupamento. Dolz e Schneuwly (2013, p. 50) afirmam que os gêneros são definidos por aspectos gramaticais e os agrupamentos tipológicos são para resolver provisoriamente problemas práticos na didática em sala de aula. Portanto, os textos podem estar presentes em outras classificações ou até está em dois tipos de agrupamentos.

## 2.5 O ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA

Para trabalhar com os gêneros textuais e dentro de uma estrutura didática, primeiro precisa-se partir do cotidiano do aluno e da própria realidade de vivência. Dolz

e Schneuwly (2013, p. 81) apresentam o ensino de gêneros textuais como uma sequência didática, que se caracteriza por um conjunto de atividades organizadas e sistematizadas em torno de alguma atividade.

Aprofundando, os autores Dolz e Schneuwly (2013, p.83) propõem uma estrutura de base numa sequência didática:

✓ Apresentação da situação: que visa expor algum gênero textual, apresentar a estrutura gramatical e elementos importantes do gênero a ser trabalhado. É apresentar o conteúdo a ser trabalhado ao longo de alguns dias na sala de aula.

✓ Produção inicial: Nesse momento os alunos elaboram um texto inicial para depois ser reescrito, os alunos usam a sua criatividade e dispõem da sua capacidade nos conhecimentos apreendidos na apresentação da situação. O aluno tem um primeiro encontro com o gênero e depois uma realização prática por meio de um texto.

✓ Módulo 1: É trabalhar os problemas aparecidos no sistema de escrita (representação da situação, elaboração dos conteúdos, planejamento de texto e a realização do texto) dos alunos no que se refere a ortografia. Para que esse trabalho aconteça os alunos precisam ter acesso a diversos textos, para refletir as suas dificuldades ortográficas através de hipóteses de escrita.

✓ Módulo 2: É variar as atividades e exercícios, propor atividades diversificadas. O professor deve criar em sala de aula situações que levam o aluno a refletir suas dúvidas, levar o aluno a compreender a escrita em diferentes contextos.

✓ Módulo *n*: É quando o aluno conseguiu adquirir os conhecimentos proposto daquele conteúdo e alcançar os objetivos propostos. É a fase que o aluno já analisa com criticidade as práticas usuais da norma culta.

✓ Produção Final: É o momento que o aluno realiza uma produção textual final, utilizando vocabulários e os conhecimentos apreendidos ao longo da sequência didática. Normalmente a produção final é uma atividade avaliativa.

O trabalho com sequências de gêneros textuais é uma prática que permite que o aluno se aproprie do conhecimento sistematizado em atividades diversificadas. E desenvolva conceitos e procedimentos do código escrito e dos modos da fala. Além de propiciar a proximidade do conteúdo em cada texto e, progressivamente, desenvolver a criticidade, reflexão, autonomia e sua posição diante de uma temática.

## 2.6 O PROFESSOR, A ALFABETIZAÇÃO E A LEITURA

O perfil do professor alfabetizador vai assim se delineando e se construindo também em comunhão com o contexto social, econômico, político e cultural ao qual está inserido. Assim, os fatores externos se somam aos aspectos internos para que se constitua o alfabetizador. Segundo Paulo Freire (1996), deve-se considerar que:

[...] foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas (FREIRE, 1996, P.24).

O professor é neste sentido, uma pessoa comum, que compõe e também é composto pela sociedade. Mas que está mais sujeito que os demais indivíduos às ações e verbalizações do grupo social para o qual e pelo qual trabalha. Dessa forma, o meio onde ele vive e trabalha e a forma como é visto e tratado interfere significativamente na sua composição e atuação profissional.

Conforme Antunes (2007), a profissão do educador infantil não recebe o prestígio que lhe é devido, não pode contar com o empenho público para seu preparo profissional e remuneração que represente valorização no mercado. Não pode contar ainda com o reconhecimento e respeito por parte da sociedade. Ficando dessa forma com a responsabilidade de formar cidadãos em uma realidade que não reconhece a importância e singularidade do ato de alfabetizar.

Apesar do ambiente controverso, o educador deve sempre trabalhar equilibrando sentimentos, sensações e saberes docentes para que na sua prática pedagógica, o amor, o exemplo e o ensino sejam características sempre presentes na sala de aula, pois “o alfabetizador deve ser desafiador, inquieto, responsável e, sobretudo estudioso” (ANTUNES 2007, p. 60).

O professor alfabetizador é aquele indivíduo experiente, que incentiva a aprendizagem respeitando o que já é conhecido e a partir daí adquirir novos conhecimentos. Alfabetiza-se para construir em seus alunos a capacidade de gerar e adquirir saberes com uma ação reflexiva e que também leve os discentes a assim agirem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da leitura de fruição, o aluno consegue explorar o texto em distintas dimensões, associa com a sua realidade e confronta com as outras diversas em uma sala de aula, por essa razão, as vantagens de trabalhar com os gêneros textuais estão em contextualizar assuntos, acontecimentos e fatos ocorridos na realidade dentro da sala de aula. O papel do professor, diante desse desafio, é incentivar o espírito investigativo dos alunos, a curiosidade, a levantar ideias, criticarem, fazer suposições e construir gradualmente o conhecimento. Assim, Goulart (2014, p. 44) afirma que a diversidade de textos contribui para que os alunos sejam inseridos dentro do multiculturalismo, conduzindo-os a compreender o mundo com maior criticidade ao saber discernir e fazer escolhas cotidianas.

Dada à importância do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de formações continuadas para os docentes e que essas sejam voltadas para integração dos gêneros textuais nas metodologias de ensino, que possam garantir a qualidade de aprendizagem, promovendo reflexões acerca de métodos capazes de atender a necessidade de cada aluno e contribuir para a sua formação numa visão crítica de mundo.

Sendo assim, é preciso reforçar a importância da formação continuada, pois a formação inicial apenas não pode fornecer as condições necessárias ao enfrentamento de todos os desafios impostos pelo espaço escolar. A atualização do docente deve então acontecer de forma sistemática, contínua e consciente - articulando experiência e os saberes da docência à prática didático-pedagógica.

Ao professor da alfabetização é imprescindível um conjunto de saberes: a prática do diálogo e a busca pela melhoria de suas próprias qualidades profissionais. Deve ter ciência da importância de buscar continuamente por alternativas para se especializar e, assim, construir uma atuação didática que seja compreendida por seus educandos que vivenciam os desafios da escolarização.

Nesse sentido, as formações permitiriam aos professores uma prática contextualizada e significativa, voltada para o uso da linguagem oral e escrita nas diversas formas de comunicação da sociedade. E de certa forma minimizaria as pequenas falhas durante as metodologias utilizadas.

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Celso. *Educação infantil: prioridade imprescindível*. 5. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. *A produção de textos nas séries iniciais*. Editora Wark, Rio de Janeiro, 6ª edição, 2011.

AMADO, Ângela Aparecida Fernandes. *Gêneros Textuais na Alfabetização e Letramento*. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins –SP, 2013.

BORGES, Flávia Girardo Botelho. *Os Gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação do Brasil*. RBLA, Belo Horizonte, v.12, n. 1, p. 119-140, 2012.

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* 9.394/96.  
\_\_\_\_\_, *Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação de língua portuguesa*. Primeiro e segundo ciclo, 1997.

\_\_\_\_\_, *Sistema Nacional de Formação de Profissionais da Educação*. 2007

CAMPOS-TOSCANO, Ana Lúcia Furquim. *Reflexões sobre gêneros do discurso*. São Paulo. Editora UNESP, Cultura Acadêmica, 2009.

CHAVES, Thaís Araújo. *Análise da organização tópica das informações no texto*. Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2007.

CARVALHO, Marlene. *Guia prático do alfabetizador*. Editora Ática, 5ª edição São Paulo, 2004.

DICEI, Diretoria de Currículos e Educação Integral. COEF, Coordenação Geral do Ensino Fundamental. *Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental*. Brasília, 2012.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Editora Mercado de Letras. Campinas-SP. 3ª edição, 2013.

FERNANDES, Elaine Leal. *Os Gêneros Textuais e o contexto da Educação Infantil*. Revista Práticas de Linguagem. v. 6, n. 1, jan./jun. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO LEMANN; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *A visão dos professores sobre a educação do Brasil*. 2015.

GOULART, Cecília M. A. *O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização*. Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 35-51, Ago./Dez. 2014.

\_\_\_\_\_, Cecília M.A. *Quando a criança não sabe ler e escrever é necessário que o espaço da sala de aula seja um ambiente alfabetizador*. Lia Scholze e Tania M. K. Rösing (Org.). *Teorias e práticas de letramento*. Brasília-DF, 2007.

INAF. *Indicador de alfabetismo funcional*. 2016

JESUS, Waldivia Maria de. *As funções dos tipos textuais no interior do gênero discurso de propaganda*. RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 539-553, 2010.

JUNIOR, Wilmo Ernesto Francisco. *Produção textual em diferentes gêneros: um caso de formação de professores de Química*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 29, n. 02, p. 201-224, jun. 2013.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Editora Artmed, Porto Alegre, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. *Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

KRAMER, Sonia. *Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso*. Editora Ática, São Paulo, 2010.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane Gouvêa. *A Apropriação de Gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do "mértier"*. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 619-633, set./dez. 2010.

MARCUSCHI, Ismael Alves. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Editora Parábola, São Paulo, 2008.

MAZZUCO, Neiva Gallina. *Gêneros Textuais-Discursivos na produção escrita de alunos de uma sala de apoio: em foco os elementos de interação*. Universidade Federal da Bahia, 2014.

OTONI, Patrícia. *Língua Portuguesa*. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

PISTORI, Maria Helena Cruz. *Dialogia na persuasão "publicitária"*. Bakhtiniana, São Paulo, Número 9 (1): 148-167, Jan./Jul. 2014.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. *Breve histórico dos estudos linguísticos e sua influência no ensino da língua*. São Paulo, Editora UNESP, p. 17-27, 2014.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação, 2004.

VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth. *Poemas na Escola: Análise de textos de alunos*. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.26, n.02, p.65-88, ago. 2010.

